

IMERSÃO



RODRIGO LOCURA



RODRIGO LOCURA
IMERSÃO


Catalão (GO)
2025

Copyright © Rodrigo Graboski, 2025

Coordenação Editorial: Editora Resenha Literária

Designer e ilustração da Capa: Weg

Diagramação: Ana Ferreira

Revisão: Ana Ferreira e Rodrigo Graboski

*Este projeto foi realizado com apoio da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), por meio do Edital Nº 001/2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Locura, Rodrigo
Imersão [livro eletrônico] / Rodrigo Locura. --
1. ed. -- Catalão, GO : Editora Resenha Literária,
2025.

PDF

ISBN 978-65-981730-9-8

1. Crônicas brasileiras 2. Poesia brasileira
I. Título.

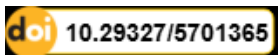
25-311221.0

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



©Todos os direitos reservados. É proibido armazenar e/ou reproduzir qualquer parte desta obra, por quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento por escrito do autor. A violação dos direitos autorais é crime, nos termos da Lei nº 9.610/98, e é punida pelo artigo 184 do Código Penal.



Editora Resenha Literária

Contato: (64) 9 99932 - 1806

E-mail: editora@resenhaliteraria.com

www.resenhaliteraria.com

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Flávia Ferreira de Melo

CONSELHO EDITORIAL

Ana Angélica de Paula Ferrazi

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

Ana Flávia Ferreira de Melo

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

André Luis Machado Galvão

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Universidade do Minho (Portugal)

Cairo Joseph dos Santos Ferreira

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

Ernesto Moamba

Academia Mundial de Cultura e Literatura (AMCL)

Maputo/Moçambique

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

Geana Taisa Machado Krause

Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Lucas Silvério Martins

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Patrick Souza

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Raquel Costa Guimarães Nascimento

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

Ricardo Lima da Silva

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Ticiane Pereira de Oliveira

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

SUMÁRIO

Nota do autor.....	11
Gosto.....	13
Grito.....	15
Partilha.....	16
Certezas.....	19
Esse nosso corpo.....	20
Discernimento.....	21
Pulsão.....	22
Morte.....	23
Razão das coisas.....	24
Artista inacabado.....	25
Fascista.....	26
Uma voz.....	27
Tropicália.....	28
Tempo novo.....	30
Violências.....	31
Traçando contornos.....	32
Seca.....	33

Ao poder.....	35
Devir.....	36
Bicho bravo.....	38
Sorrir.....	39
Colateral.....	40
Notado.....	41
No canto da rua.....	42
Cante.....	43
Velho louco.....	44
Vadiante poesia.....	45
Ida.....	46
Dissonâncias.....	47
Liberdade.....	48
As ruas.....	49
Discernimento.....	50
Fim.....	51
Espíritos livres.....	52
Hábil.....	53
Andares.....	54
Ande.....	55
Você.....	56
Partida.....	57
Destino(s).....	58
Lebranças.....	59
Saudade do futuro.....	60

Corpo-estante.....	61
Tem beleza.....	62
Utopia.....	63
Liberta.....	64
Inconsciente.....	65
Fronteiras.....	66
Compilado.....	67
Mania.....	68
Casa de bruxas.....	69
Riso.....	70
Envelhecemos.....	71
A-braço.....	72
Amanhecer.....	74
Tempo.....	75
Sala comum.....	76
Memórias.....	77
Mãos dadas.....	79
O agora.....	80
Nas lutas.....	81
Terapia.....	82
Sons.....	84
Comunistas encantadores.....	85
Longe.....	87
Punhais da esperança.....	89
Absoluta.....	90

Sido.....	92
Lugar.....	93
Incansável corpo.....	94
Vivo.....	95
Recomeço.....	97
Sozinho.....	98
Para os loucos.....	99
Amado corpo.....	100
Abismos.....	101
Pincéis de cores.....	103
Dentro.....	104
Imprevisível.....	105
Corpos militantes.....	107
Provisório.....	108
Partir.....	109
Luta na quebrada.....	110
Periférico.....	112
Parece.....	114
Sobre o autor.....	117



NOTA DO AUTOR

Se uma escrita são caminhos, estar disposto à diversidade epistêmica não significa catequisar paradigmas que a princípio parecem não dialogar.

A escrita é mescla de orientações que pouco haviam conversado, afinal os rios sempre se encontraram na natureza, ainda que os fluxos mais expressivos conduzam para uma certa independência.

De fato, as águas que correm neles, vem do conflito dos afluentes, portanto, não é possível afirmar com precisão que o doce da água das nascentes é único, tão pouco, que o salgado de sua foz no mar tenha somente um tom de sal.



@rodrigollocura

GOSTO

Gosto
de andar nas ruas,
a pé e descalço

Gosto
de talhar travessas,
de contornar o moço
ou as placas

Gosto
do Sol,
da brisa,
do frio,
da Lua

Gosto
de encontrar você,
na Praça, na sua...

Gosto
do cheiro de comida
das casas,
dos trabalhadores
chegando,
das crianças correndo

Gosto
da poesia na calçada,
do desenho
riscado com giz,
do grafite no muro velho

Gosto
dessa periférica cidade,
das suas cores,
seus ruídos

Gosto
das estórias inscritas
na conversa com a anciã

Gosto
com gosto,
do rosto,
que atravessa
a caminhada.

Gosto
quando assim,
chega ao fim,
a batalha
dos encontros,
a rima da jovem,
a força do exposto.

GRITO

Não sou o silêncio
de um pássaro
sem canto

sou o pranto...
...e o grito
da poesia flagrada

triste...
...e esperançosa.

PARTILHA

Partir?...
...partilhar talvez

Seguir as próprias trilhas,
redescobrir o mundo,
as novas vontades...

Encontrar um outro (eu)...
em outros nós...
abdicar do luto
e seguir em frente

Guardar o passado
como boa lembrança,
não se aprisionar...

Percorrer novos caminhos,
acolher os velhos
como memória...
...afetiva

Amar...

noutras cores,
noutros gestos,
de outros jeitos

Caminhar sem destino
e no caminho,
afirmar-se...

Tocar o futuro
nos passos do presente,
sentir as novidades

Aproximar
a vida e o coração,
o corpo dos desejos,
as verdades (provisórias)
e a honestidade

Perceber a transmutação,
reverberar mudanças,
rir e ser engraçado

Maturidade,
fortaleza,
meninices
e compaixão

Acreditar nos
encontros e reencontros,
sem projeções...
...descobri-los
e redescobri-los

Aceitar as imperfeições,

ler os limites
com as lentes
do percurso...
...e do que se quer

E,...
se puder...
...ressignificar

CERTEZAS

Amar e inventar
o possível

dividir e guardar
os afetos

Ser, sem ter...
...certezas

ESSE NOSSO CORPO

Esse nosso corpo
que sabota a medicina
a disciplina

Esse nosso corpo
a dor e
o rancor

Esse nosso corpo
que parece novo
e velho

Parece em movimento

Esse nosso corpo
corpo esse nosso
nosso esse corpo

Corpo veste trans

DISCERNIMENTO

Não há silêncio
o bastante
pra que possa me
aquietar...

Até a brisa fala!...
...ou a lágrima do discernimento...

PULSÃO

Bate o tambor do preto
toca m'alma
no canto da casa

Traz tua ancestralidade
pro centro do poder

Faz comigo
o que não fiz...

...regenera

com batuque
palavra e pulsão

MORTE

Hoje vi alguém
morrer,
...num filme.

Flores e ritos,
de passagem...

...ou fim?

RAZÃO DAS COISAS

Te peço, humildemente,
razão das coisas...

permita que a poesia
tenha inúmeros significados
(ou significado algum)

A depender de quem lê, livre...

Oh razão das coisas
porque exiges predomínio?

ARTISTA INACABADO

Acorda como quem terá um dia degustado, intimista e solitário.

O palco não é mais a cena transgressora. Os sons são silêncio e, o público, não estava lá!

O show inicia com canções que não se escutam. Nada foi ensaiado, o dia era inaugural, não sabia do tempo nem das cores (que desbotavam).

Acariciava a repentina vontade de transloucar o mundo, assim, em silêncio (o som ensurdecido do silêncio).

Paginava o repertório, ajustava os acordes ao proposto, mas ninguém ouvia nada, afinal, ninguém estava lá,...

...só um corpo de um artista inacabado, desobediente e cansado.

FASCISTA

Levanta a mão
Amante fascista!!!

Abaixa a crista,
escória...

...desumana.

UMA VOZ

Ouvi uma voz...
...todas as palavras,
vários os sentidos

Era doce...
...estava tensa,
disse pouco,
disse

Aproximou,
sussurrou que ia embora,

É! Vai!...eu sei!

TROPICÁLIA

Andavam como nômades habitando as regiões do mundo. Suas vozes populares, distinguindo dos cristãos, pacificavam e causavam revoltas.

Não titubeavam! Afirmavam e venciam as violências com ideias, experiências de convívio e produção largamente diferentes do Sistema.

A cada planta plantada, a cada água bebida, a cada caça, alimentavam esperanças e utopias.

Os ritos do sagrado, as rotinas cotidianas de pertencimento à natureza, a(s) línguas(s), a diversão, o entusiasmo, os afetos, as artes, a música, literatura, as plásticas e dores dilaceradas; tudo presenciado pelo corpo deslocado do normativo, conduziam para uma crítica profunda dos colonialismos, se apropriando e ressignificando o vivido.

Em cantos marginais e, no centro do mundo geopolítico, afloraram pertencimento.

Nos banhos de crença, conhecimento e rupturas transculturais convergiam como povo e nação.

Perpetuaram por pouco tempo — entre 1967 e 1968 — nas andanças pelo mundo, atravessaram o coração daqueles de escuta afiada, pintaram o corpo com guerra, amor e existência.

Os tropicalistas foram uma reinvenção estética e política antropofágica do “estar jovem”. Também foram vozes, poesia, imagens e som ensurdecador; dada a dissonância das cores.

Pintaram com aquarela viva as dores e os gestos juvenis pra fincarem na história outros modos e corpos - seus ruídos e sons.

TEMPO NOVO

As andorinhas
anunciam o tempo novo

Nossas lutas,
o fim da barbárie

Não te queremos no poder
escória humana

Sairás pela porta do inferno!

VIOLÊNCIAS

São tantos
os corpos,
tantas são
as cores!

São Paulos e Marias
e os corpos inclassificáveis!

Nada cabe
na caixinha,
todos andam
pelas ruas

Uns elogios,
outros...

...violências.

TRAÇANDO CONTORNOS

A cabeça pensa
onde os pés pisam,
disse o Frei,
traçando contornos.

Qual o seu lugar?
Onde pisas com a cabeça?
Qual o lado te aconchega?
Onde está a tua luta?

Meu pé, que é cabeça,
atravessa meu coração,
disputa ideias,
e espaços de conversão!

SECA

Seca
Cega
Seca a cabeça
o corpo inteiro

Percebem
o mudo visionário
transcendem nas cores
do mundo

Revoltam-se!

Convergem
para as impressões
inimagináveis

Afloram os desconfortos,
ignoram as obediências
translocam
o mundo pronto

Camicases
da revolta popular
sentem fome
e subvertem os domínios

Acusados, saem da toca,

estão em todos
os lugares

Aqui...agora

Reivindicam luz e sombra
cor e brilho
arte e som

Sem dor e indignação,
postos pra luta
e contornos de fé...

...existirão!

AO PODER

Voltou ao poder
para calar-nos
e fazer da poesia...

...lembrança.

Cala a inclusão
dos diferentes,
apedreja os corações,...

...corta com lâmina ácida.

DEVIR

Me perguntaram uma vez como nascem os poemas, uma aula e as músicas em minha experiência? De improviso disse que achava que era do corpo que sou, ...do improviso das imagens do passado e, fundamentalmente, do presente vivido.

Um poema nasce dos/das poetas que leio, uma aula das tantas que assisti e assisto, as músicas das inúmeras que escutei e escuto. É como que uma — produção da continuidade —, na medida que nascem das ondas e dobras provocadas por outros e outras artistas.

Também nascem dos devires: do devir poeta, do devir músico, do devir docente e, também, dos infinitos devires outros; o devir dor, o devir inacabado, insuficiente, contraditório e confuso o devir criança, o devir animal, o devir salsinha — adoro salsinha na comida —, o devir transitório, pouco binário, o devir fronteira, o devir margem, o devir mulher, preto, pobre e trans, enfim, os devires que ainda não fui...

Mas há outro lugar de onde nasce minha arte: do corpo que sabota...

Quando um poema fala de alguém, pode estar falando de uma planta; quando

a aula é sobre uma filosofia, pode ser sobre química; quando a música induz um amor, pode ser sobre o nada.

É na linha tênue entres os/as (poucos/as) quem me leem, me assistem e me escutam que os infinitos sentidos são forjados, ...for-ja-dos!

Essa escrita, portanto, não é sobre o que diz!

BICHO BRAVO

Vi bicho solto
correndo
no canto da mata

Era bicho bravo!
Bicho falava alto!

Atrás da planta,
cadê minha casa?

Bicho bravo!
Bicho falava!

SORRIR

O melhor sorriso
é do canto da boca
ao ler seu poema

De tá gostoso,
de tão verdadeiro,
sai assim...
...saindo

E percorre
o corpo inteiro

COLATERAL

Que a vida me permita continuar amando esse sentimento que não tem forma, pois o tempo pode ressignificá-lo afim de que caiba no coração suas inúmeras faces.

Que a vida me permita continuar amando os gestos simples, os cheiros, as texturas e aquilo que é incorporado pra distanciar-me das idealizações.

Que a vida me permita continuar amando nas diferenças e diversidades, nas escolhas e trocas.

Que a vida me permita continuar amando a justiça e as lutas sociais, o todo e as singularidades, as psiques, os corpos, as vozes, seus sentidos e significados.

Que a vida me permita continuar amando, porque amar sustenta as estruturas dos convívios, das dúvidas e convicções, dos caminhos e trilhas, das dores, das incertezas e dos desejos de mudança.

NOTADO

É impossível
deixar de observar
você passando
pelos cantos da rua

A bandeira nas mãos,
as utopias,
que carregas na cabeça

As cores da roupa,
seu estilo vintage,
como talo de flor
dentro do livro

Quase tudo...
...é poesia.

NO CANTO DA RUA

Há um sorriso, ali,
no canto da rua...
te encanta?

(ou parece indiferente)

Há um sorriso, ali, ali,
no canto da rua...

CANTE

Dance e cante
como um louco
nessa manhã

Bem cedinho,
pra acordar o mundo,
pra celebrar a vida.

E intimidar
qualquer injustiça.

VELHO LOUCO

Ao velho louco
que o habita,
resta a virtude
da desconfiança

De não ser mais
tão útil,
de não precisar
fazer tão bem,
ou fazer tão certo

De ser esquecido
pra não ser lembrado...

...de ser escanteado!

E...

...agora,

nas margens
e nas fronteiras,

poder-se ser...

...o que se é!

VADIANTE POESIA

Acordei no passado
e achei o pingente
perdido!

Oh, vadiante poesia,
me permita os tempos,

...os tempos!

IDA

Percebeu que as horas do relógio não acompanhavam o estado ansioso, decorrente da nova notícia. Tentou meditar, ...respirar, ...ensaaiou uma reza (não tinha talento pra isso); ...em vão!

O que se avizinhava era uma explosão de sentimentos que desembocariam numa inaugural desordem nos traços culturais e políticos da natureza (imposta) humana...

Pensava, ...o que faria depois do anunciado?...séculos, décadas, dias e frações de espera, passos dolorosos e ininterruptos. ...o que faria depois do anunciado?

Pacientemente aflito dizia internamente em línguas: — Aos prantos profecia da vontade coletiva, ...luto!

Agora, não há motivos para adiar, então, lança as correntes ao mar, desvia o olhar da quietude, converge aos outros.

Novas hegemonias, contornos de um mundo desejado e construído com sangue, histórias e pulsões...

Tens no corpo todos os desafios para evitar os recuos de uma estrada,...

...que é só de ida!

DISSONÂNCIAS

Hoje ouvi sons,
nada comuns,
nas dissonâncias

Eram traços
de corações
que se entre cruzavam

Eram corpos
de histórias
que “se” ...,
talvez,

...dialogaram!

LIBERDADE

Aos corações
que pulsam
por liberdade

Desejo
vida
longa

Sejam
música
permitam
dança

Batam
no peito
com entusiasmo

Imprimindo
na garganta
palavras doces
e o inimaginável

AS RUAS

Ela, a máscara
e as ruas...
doce encontro
perturbador...

Seu caminhar
e suas convicções
são como guerra
e flores....

...na manhã.

DISCERNIMENTO

Não há silêncio
o bastante
pra que possa me
aquietar

Até a brisa fala!
Ou será a lágrima do
discernimento?

FIM

Eu sei!
admitir o fim dói,
diria, corrói

Eu sei!
das dores e das flores,
sei do cansado
e dos descansos

Eu sei!
das memórias
e dos lastros...

O que pouco sei,
está no tempo
e no que se é...

...inesquecível

ESPIRITOS LIVRES

Os espíritos livres
só se manifestam
nos corações
que se permitem
amar

Os espíritos livres
estão nos sonhos
e nas práticas
cotidianas
de um ser comum

Os espíritos livres
estão em toda parte,
têm mil cores,
revelam-se
em poucos gestos

HÁBIL

Não tenho habilidade
com a terra,
faço coro à sua ocupação!

Tão pouco,
conserto coisas
na casa...

E no que verdadeiramente
me entrego?

Ao violão, aos poemas,
suas noitadas
e amanhecer

Aos gritos
quando há arte!
Aos ritos
quando o corpo pede!...

...aos muitos,
que somos.

ANDARES

Gritam as bocas
contra toda
perversidade

As mãos seguras
umas nas outras
exigem passagem

Nos olhos,
lágrimas
e revolução

E os andares,
ah... os xamãs andares.

ANDE

Foi uma árvore ou um pássaro, não sei ao certo quem me disse: Os ciclos se fecham numa dor tamanha de um grão de areia, todavia, essa dor dilacera o corpo que sente!

É assim!

Não há dor maior do que aquela que nos move e empurra para o novo, incerto e incógnito caminho do agora. Três sentimentos circunscrevem a caminhada: frustração, autocrítica e as dúvidas.

Um percevejo, antes de pousar na árvore e ser comido pelo pássaro, também disse ao ser devorado: Os caminhos podem ser muitos, mas como só iniciam no passo...

...apoie o pé a frente e ande!

VOCÊ

Você,
cena
revolucionária
do amor

Mulher
das escolhas!

Num gesto,
avassala
o mundo...
...e os corações

Foi pouco,
nem deu tempo
pra viver...

...o inimaginável

PARTIDA

A hora é
de partida!

Decisão difícil
quando ainda
se quer ficar

Dor no peito,
desconforto,
ilusão

Mais nada reverte
as decisões,
sem as dúvidas...

...atravesso o caminho sozinho

DESTINO(S)

O destino é sempre imprevisível! Ainda que seja construído a partir dos passos e escolhas que se faz no agora, concretamente, sabota as tomadas de consciência e a materialidade rígida, pois também é no coração que ama que está seu ciclo de partida e chegada.

Por isso amar também é escolha, sem a rigidez de um amor perfeito e sem equívocos, mas possível, doce, louco e sincero.

LEBRANÇAS

Suas lembranças
são camadas nostálgicas
da vida que tivemos

São as impressões
do tato no momento certo,
do colo e da palavra doce

São as memórias dispersas,
as caminhadas seguras,
os dias bons e o acolhimento

São as voltas
que o mundo dá,
que a escolha quer,
que o fim exige.

SAUDADE DO FUTURO

Me bateu saudade...,
ela não pede pra entrar,
vem assim, sentindo

Saudade boa e ruim
Saudade toda e nada
Saudade pouca...

Das tantas
sinto mais,
a saudade do futuro!

CORPO-ESTANTE

...acuado no canto de um quarto a meia luz, não dizia nada. Seus pensamentos acelerados evitavam o sol e os brilhos. Covardemente apagava a luz e não via nada, nem seu rosto, rugas, nem suas dores e vibrações. Mas as sentia, profundamente, as sentia!

Catequizando a consciência, projetava caminhos cartesianos de mudança, em vão! Não tinha habilidade para lidar com os rizomas de uma alma avassalada.

Comia pouco, comia mal, o quarto parecia a rua com seus ventos uivantes e cortantes e, o travesseiro molhado, anunciava a febre.

Seu corpo quase nu cheirava mal, mesmo após o banho forçado, fruto de uma tensão dos nervos, da flor sem cor e da pele.

Permanentemente estático, se alguém passasse por aquele quarto era bem provável que não identificasse vida ali, seria um corpo-estante, um corpo-móvel, um corpo abajur-sem-luz.

Indigente, marginalizado, fora de moda ou fora do tempo. Tempo esse, sem nada de cronologia, com pouca circulação e muito frio...

TEM BELEZA

Que corpo é esse
mergulhado na angustia
e ressentimento?

está desconfortável
jogado na cama

mas tem beleza!
...um ponto de glitter
no rosto, olha!

tem beleza!
tem beleza!
tem beleza!

UTOPIA

A arte
é minha utopia,
não sou todo dela,
mas ela,...

...me caminha.

LIBERTA

A liberdade em seu sentido amplo diverge do restrito, afinal o que significa liberdade e restrições? Como é possível ser seletiva e não ser pra todos? Que ponderações cabem à liberdade?

Não sabe-se ao certo que enunciados merecem respostas ou negligências. Cabe ao peito bater livremente? É de direito ser livre como folha verde aprisionada à árvore ou, seca e no chão, voando na direção que o vento determinar?

Só se sabe que pouca liberdade ou, nenhuma, está intimamente ligada aos afetos libertários das escolhas e do mundo instrumentalizado. Desejante, a liberdade, a muito, é catequizada pelo direito a tê-la ou jamais experimentá-la.

INCONSCIENTE

As veias duplas,
os voos sem sentido,
a terra a nado
o olhar molhado

Os pesos duplos
de um inconsciente
pouco habitado

As costas
para o mundo,
as mãos tocando o passado.

FRONTEIRAS

Dos saberes de verdade absoluta me distancio todos os dias.

Sou adepto dos territórios fronteiriços que habito. Lugares onde as divergências e as diversidades estão postas como formação.

Mas sou também, assim como você, um ser inacabado, descontínuo e nada pronto; o que me permite acertos e equívocos de quem está disposto mergulhar nas margens e fronteiras habitadas e inhabitadas...

Sem estereótipos, no meio da manhã, já não me pareço com o homem que acordou quando o sol se levantou...

COMPILADO

É como precisasse
de dois corpos
pra suportar
o tamanho de meu interior

MANIA

Foi num café de esquina movimentada que o retrato social da cura se fez presente. Mas poderia ser no consultório de análise, no intervalo do trabalho, num bar, no caminho do ônibus, nas ruas, na casa de um amigo ou na cama sem sono.

Afinal, quem não experimenta essa bebida ou esses lugares? Escapando deles, acompanhados do banzo e das reflexões demoradas ou, da pressa e dos pensamentos aligeirados?

CASA DE BRUXAS

Somos
casa de bruxas
e todas suas sabedorias

Podemos tudo
pra todos
cura

Afirma-se na ancestralidade!

RISO

Quando a estrutura inibe por completo a possibilidade do riso, do auto-riso, da arte, da criação e do lúdico, exigindo-nos retidão a tudo que fazemos e somos, então acabou...não há por onde encontrarmos caminhos pra se ser.

ENVELHECERMOS

Procuro pessoas
Para envelhecermos
Juntas,

Minha juventude tardia
Foi convidada!

Convido a tua e tuas rugas...

A-BRAÇO

Ele reencontrou a arte numa esquina iluminada.

A conversa com ela teve contornos de aproximação. Andavam meio distantes pois a vida é espiral e, ele, priorizara outros afazeres.

Tem uma gratidão infinita por ela, — não foi nem uma ou duas vezes que o salvou do fim — quando estava carregado dos desejos de desistência.

Deu-lhe um abraço profundo, olhou nos seus olhos, apertou forte as suas mãos. Trocou palavras de afeto, conduziu o caminhar pela calçada — até um banco da praça com suas árvores e sombras.

Passaram horas projetando o presente e o futuro. Ambos concordaram que essa aproximação precisava priorizar o estado rizomático e de constelação que sempre viveram.

Acordaram também que a criticidade e o desconforto dos acordes e textos dissonantes iriam se manter vivos no ato criativo.

Reconheceram que não precisavam se preocupar se os resultados dessa relação não fossem intimamente ligados com o

mundo vivido, afinal, vestir personagens e representações que escapassem do real era divertido, instigante motivador.

Mesmo assim, concordaram que as inúmeras vezes que o ato criativo tocou as dores e as diversas emoções da vida real, provocou rupturas existenciais incríveis e necessárias.

Tornaram a se abraçar, já anunciando a despedida. Caminharam em direções distintas. De longe, voltaram a se olhar e ter a certeza que essa relação seria acompanhada de uma eterna presença.

AMANHECER

Ao lento
cancelamento do futuro...
revelo
minha indignação!

Não são os traços,
os aportes e as
desistências,
que convocarão mudanças

Mas a dura inexistência,
a marcada desobediência,
da força viva,,,

...e do amanhecer revoltoso.

TEMPO

E como é mesmo instigante os tempos e suas feitura. Das lagartas às borboletas, das locomotivas, da preguiça subindo a árvore, das flores, das matas, das horas no relógio, das viagens, dos cosmos, da vida e morte, da velhice, das juventudes, dos arquétipos na história, das formas, padrões e seus abandonos, das lutas e revoluções, das identidades e suas visibilidades, do filme na tela, do tempo que não passa, dos que passam ligeiramente, da barba no rosto, da cebola na terra, do lúdico no parque, do tempo na escola, das cores na roupa, da leitura do livro, da casa limpa, do calendário oriental, das vertigens e do amor...

...dos tempos que o tempo tem.

SALA COMUM

Das janelas
que contemplam
novas cores
sobre o mundo

O incomunicável

São quartos
de portas
trancadas

Por paredes
de tijolos
ásperos

...

Que se abram
as portas,
que as paredes caiam

Que as janelas,
sejam parte
de uma sala comum

MEMÓRIAS

Deitado sobre as folhas que davam cores ao chão, com os olhos fixos num ponto no céu, seu pensamento passeava pelas lembranças...

Convergiam saudade sem dor e a convicção de que as lembranças eram sobre o passado.

Priorizou os acertos — de uma relação encharcada de memórias mal resolvidas e de presentes sem luz, sem dor e sem gozo. Em instantes sobrevoou o que não tinha como dar certo — insistiu em evitar e aprofundou nos cafés, nos sabores divididos e na embriaguez conjugada dos dias que pareciam infinitos.

Mas novamente a mentalização o sabotava e as razões do rompimento o tomavam como único pensamento. Sem acreditar na emoção desviada, embruteceu seu coração, afinal — como era possível testemunhar tais desarranjos, daquilo que ingenuamente chamou de amor? Ainda mais por estar tabulado num significado tão conservador dos traços?

Sabia por certo que as insuficiências e os desejos opostos jamais confirmariam uma história de experiências afirmativas.

De qualquer forma, ao projetar as imagens na sua cabeça — com os olhos ainda fixos num ponto do céu — reconhecia a vontade de aproximações que significassem afetos de quem não deseja — mas reivindica — uma aproximação humana.

No entanto, estaria ele preparado para tal resignificação?

Lembrou que os ditos preparados inexistem no inacabado corpo emocional dos resolvidos — e então, aquietou-se, deu um sorriso, se levantou com as folhas presas pela roupa, bateu a poeira e, convicto de que tudo parecia incerto, continuou, aos passos, seu passeio pelas memórias.

MÃOS DADAS

Todos os corações
pra se perder
(de amor)

Todas as ruas
pra se caminhar
todos os caminhos
pra se percorrer

Todas as travessas,
encruzilhadas,...

...mãos dadas

O AGORA

Ao mar,
entrego tudo
que um dia me trouxe

Ao coração,
devolvo a força
das batidas

À terra,
sedo as ricas
experiências
vivas

Do ar,
eu quero,...

...o agora

NAS LUTAS

Que entusiasmo
é você nas lutas!

Desobediente,
amplia os espaços ocupados

revoga as palavras
do passado...

humaniza...

...em gestos

O mundo precisava
da sua presença, assim,
como água que vence...

...as pedras

TERAPIA

Ao analista:

— Podemos nós, sermos uma farsa, na medida que a escrita do eu-essência é sempre uma constelação de representações e interpretações de nós mesmos? Posso dizer que sou uma farsa?

— Um farsante é alguém que ostenta consumos sem ser rico! Um farsante é sempre um mentiroso! A busca de uma essência que difere do que somos capazes de interpretar e representar talvez seja o equívoco das suas dúvidas! A essência de nós mesmos, ela sim, é uma farsa pois, somos aquilo que “constelamos” ser. Somos, (se é que temos liberdade pra afirmarmos o ser ou se é “verídico ser”), as práticas já adquiridas cotidianamente, ao mesmo tempo, que somos os desejos e as libidos que almejamos e que apenas estão sendo tateadas sem incorporação. Somos tudo, menos essência.

— Penso que o eu-essência pode ser alcançado!

— Na medida que ele não existe, então não! Esse “eu” ou esse “ser” que somos é uma invenção atômica do pensamento ocidental. Façamos o exercício dos orientais

ou dos africanos sem ocidentaliza-los ou coloniza-los e teremos outras perguntas, pois em perspectiva, o eu e o ser inexistem como essência, essa é uma invenção pra justificarmos nossa individualidade egoísta, narcisa e sectária que, de fato, é muito diferente das singularidades.

SONS

Ao caminhar pelos cantos do mundo, a procura dos sons que o planeta pode emitir, ...se deparou com um pequeno vilarejo escondido entre montanhas.

Suas caminhadas noturnas e ao amanhecer convocaram uma estranha habilidade sua, a de ouvir.

Num universo onde as falas desenfreadas de homens pouco sensíveis são a regra, é difícil mesmo a qualidade e a audiência da escuta. Mas sabia, por boatos, que estavam pessoas reunidas pra escuta.

Então ele foi assim — ouvindo — os sons do gelo nas calçadas, dos insetos na grama, dos passos aligeirado das pessoas, das rodas dos carros e charretes em atrito com o chão— sim, nesse vilarejo haviam charretes e pessoas de escuta por todos os lados.

Particularmente um som lhe chamou atenção — era a voz de uma mulher que emergia das causas subalternas... — sabia muito essa mulher, dizia muito essa mulher - sua voz deslocava as massas ouvintes das fronteiras inabitadas...

...o ano era 1964.

COMUNISTAS ENCANTADORES

Os/as comunistas são encantadores!

Seus pensamentos ontológicos e suas práticas epistemológicas nunca foram só reverberação mental, pelo contrário, são nas dinâmicas do mundo vivido que operam suas escolhas existenciais.

Mergulhar nos seus universos é um convite contemporâneo de contemplação e crítica orgânica das rasteiras que o capitalismo opera na luta de classes.

Nos remetem a viver elaborando experiências e teses de cor vermelha e de punhos cerrados. Não titubeando, afirmam o corpo-luta.

Nos convencem pelo exemplo e pela literatura que acompanham suas caminhadas, atentas e rápidas, seja nos campus universitários ou no chão das fábricas e periferias do mundo.

O pensamento e ação periféricas dos/as comunistas, suas utopias, são balizadas pelos meandros dos labirintos vivos das periferias do mundo. São capazes de questionar os marxismos eurocêntricos e reinventar as lutas nos trópicos e no sul do mundo.

Sobre essa particularidade inventaram o eco socialismo e um mundo colorido, diverso e revolucionário, a percepção das identidades atravessadas pelas noções de classe e pobreza são entusiasmantes, as religiosidades e crenças populares periféricas são despojadas de visões únicas, a arte engajada e periférica afirma que a cultura dos debaixo é o horizonte intercultural a ser alcançado, os corpos livres e periféricos questionam as padronizações caretas e desumanas, o direito ao digno pra todas e todos é um imperativo.

Qualquer um/uma que se permite ser atravessado/a por um/uma comunista sabe da força que adquirimos pelo convívio.

Se você ainda não foi afetado/a, permita e vivenciará experiências inimagináveis!

LONGE

Quando,
o poema
ficar repetido

Quando,
você estiver
arrependida

Quando,
o calor for frio

Quando,
o braço dado,
não for segurança

Quando,
a vontade de ir,
...ficar

Quando,
o desejo estiver
deslocado

Quando,
tanto faz...
...valer

Você
já estará...

...longe

PUNHAIS DA ESPERANÇA

Nas frestas do Sistema estão a coragem e as forças ativas da mudança?

Fronteiriço, o corpo que tem fome é marginalizado porque aqueles que não são, vivem mergulhados em seus dramas burgueses.

O contingenciamento dos desejos globais não está na pauta política dos colonizadores das emoções.

As ambições daqueles que tudo tem, são severamente predominantes no mundo do agora e sem história, que nem geograficamente se move.

As forças produtivas — que adoecem as psiques universalmente — impõem uma prática sem culpa e individualizada.

A coisa privada sobrepõe-se de forma deliberada a qualquer esforço social de luta. Mesmo havendo-o — por todos os lados — são insuficientes, na medida que não chocam os corações — opacos e degenerados — do poder.

É emergencial que os punhais das dores, das profundas dores, e da esperança sangrem, permitindo que outros sentidos pra vida sejam formulados.

Já é tarde!!! Muito tarde!!!

ABSOLUTA

Escuto
ao pé do ouvido
suas conversas

Sua mente
transloca
e é inevitável

Amorosa
persuasiva
sincera

Conquista
reivindica
prospera

Dona do mundo...
...do seu mundo,
pacificadora
das guerras inúteis

Cativa,
por ser
o que quer

Precisa,
em ter

como quer

...Absoluta

SIDO

Acendeu mais um cigarro! — era o décimo do dia, ...era noite.

O café quente na caneca o mantinha vivo — fazia frio quando decidiu caminhar na noite. Acendeu outro cigarro — já passava dos treze — o cachecol cinza, a bota suja, a camisa branca, a jaqueta vermelha, as meias e o jeans; protegiam — fazia frio, caminhava, era noite!

Quando se caminha, imaginações e imagens são projetadas — ...

— É, poderia ter sido diferente! Não foi! Sem chances!... Nenhuma! Não houve tempo! Sem chances!...Nenhuma! Não houve tempo! Não foi!

LUGAR

Aos convites
feitos pra me retirar,
dei ouvidos...e fui!

Os gestos já não são
mais os mesmos,
as palavras são outras...
...e mudaram.

Coexistem em mim,
a experiência
do presente
e o imprevisível

Pinto em tela...
...na cor vermelha,

o retrato que habita
as memórias
de um lugar...

...amoroso

INCANSÁVEL CORPO

Incansável corpo!

Como é possível esse caleidoscópio de dores te atravessar a tanto tempo por experiências distintas?

És mesmo um organismo forte e resiliente — convergindo pra vida — mesmo que os fatos não.

Já se colocaste a prova indesejáveis vezes, persuasivo, sabotou as "feridas incicatrizáveis".

Sei que por vezes cansou e não evitou fins, mas mesmo eles, não te aniquilaram, só fecharam ciclos espirais de dor.

Queres paz, eu sei, mas como encontrá-la se os turbilhões das guerras foram sua máxima experiência?

Quando haverá quietude nos seus tecidos? Quando haverá semblante na sua pele? Quando haverá cor neste rosto opaco? Quando haverá caminhos pra essas pernas? Quando haverá silêncio no seu grito? Quando haverá conforto pras entranhas desse corpo sem órgãos? Quando haverá discórdia com o sofrimento?

Não sabes! Eu não sei! E pouco importa sabermos já que a dor aqui, ...aí, se traveste de arte e vida.

VIVO

Ele estava sentado na varanda! Não se sabia ao certo por onde pisavam seus pensamentos, nem era possível ter certeza se seus olhares eram pra alguém ou para algum lugar.

Nas mãos que se movimentavam para a boca, um doce de abóbora, no colo um livro — pelo bigode espesso, era Nietzsche — conduzia as páginas aleatoriamente como quem lia com o coração, pois os olhos, como disse, pareciam em nada fixar.

Às 12h37 levantou-se — o sol já havia feito isso a horas — derreteu o último doce na boca, produziu sentidos para o olhar e pensamentos que agora se fixavam num calando ligeiro entre as plantas fixadas no muro. Desviou um bocado mais o olhar para grade do portão vermelho — catequizou num grito o cão que cagava na grama seca — deu conta do livro na mão — "vida e obra" — leu as entrelinhas do filósofo, ou seria do poeta? — riu de canto com a garganta segurando o choro...

Já passava da hora do almoço, não passavam mais nem calangos no muro, nem cães no gramado — então, num gesto

brusco retornou os olhos para o livro — falava de um deserto, de três bichos e uma peregrinação... — concluiu a leitura, voltou os olhos em direção do portão vermelho — imaginou saindo...saindo!

A varanda, agora inabitada, era o espectro do seu corpo nada normativo e vivo...

RECOMEÇO

Recomeçar é uma constância no Universo. Estrela, bicho, mata, tudo recomeça. As memórias — por sua vez — são aporte para re(fazer)-se.

A escuta aberta e livre, a consciência histórica, as nuances identitárias, a política, o eu, o nós, os outros/outras — como preferir —, o coração, as fruições da estética, os diálogos inter-pluri-trans, o inclassificável, a timidez, o barulho das conchas ou da batedeira ligada, o chiado dos velhos rádios, o canto yanomami — suas dores e fome — a retórica do jogador que estupra — sua vítima — os lunáticos, os loucos, os golpistas, as cicatrizes e seus ruídos, as violências e violações, as convergências e divergências, as estrofes, versos e as pequenas letras, o grito da baleia, o chuveiro ligado, as mãos que falam, o tato, o cheiro, as crises econômicas e as existenciais, a boa nova, as velhas, o que se repete, o que se inaugura, os binários e os/as não..., a gargalhada, os convites, o que se esquece, os livros e as vozes populares, os pensamentos, a paciência, os eufóricos, ...o silêncio... — os/as silenciados/as. Tudo recomeça!

SOZINHO

Alguém ouviu meu coração?

Ele não bate mais
dentro do peito
saiu e nunca mais
voltou

Não sei se foi
Incorporado...

Ou se está indigente,
Sozinho e com frio.

PARA OS LOUCOS

— Não, eu não estou no mundo — ele é perigoso demais para os loucos! Foi o que disse ao ser abordado na rua por um desconhecido...

Seu estado alterado e, por vezes, deprimido — cotidianamente questionado — o conduzia para amores intensos que vinham, permaneciam, mas logo saiam.

Ao contrário do que parecia — amava incondicionalmente flores, xícaras de porcelana e pessoas, no entanto, o gesto era brusco e se confundia com repulsa (chegava a quebrar xícaras) — mas não era.

Sabia disso — ...só ele! — pois o mundo insistia em anormalizá-lo distanciando-o dos afetos — como se faz com os ovos e pintos numa granja.

E então — mais uma vez só — encontrou quietude e lugares inquietos para seus delírios e seu incondicional amor.

— Ali, naquela casa amarela, com escadas cor de rosa e janelas trancadas mora um louco — diziam!

AMADO CORPO

Amado corpo
porque não
respondes?

De que lado estás?
Em que lugar da casa?

Amado corpo,
quero voltar pra ti,
saí num sonho

e nunca mais te vi.

ABISMOS

Passeia cotidianamente por essas redes de contemplação da vida que dá certo. Nada é *fake!*...a vida é mesmo uma luta e por vezes dá certo.

Gosta da cozinha, tem uma experiência incrível com o filho e com a família, adora seu trabalho, as sextas toma uns tragos, compõe poemas e músicas, um cara de poucas relações amorosas, acho que aqui só revelou uma e, é presente na constelação afetiva com os/as amigos/as.

As postagens são uma repetição disso...comida, arte, filho, família, trabalho, amor, amigos e transcendências alcoólicas (já que as outras ficaram no passado).

A contemplação da vida que dá certo fica mais complexa quando está só... os sorrisos das fotos escondem dores, os caminhos solitários as vezes são atravessados sem nem mesmo querer essa condição, as escutas internas, divididas nos anos de análise, remetem amor e caos ao mesmo tempo...mas isso não interessa a ninguém, só aos poemas que escreve.

Por vezes é alijado pela decepção daqueles que acreditam fielmente que sua vida é o máximo. Na verdade, esses abis-

mos de um humano e suas solidões não dão *like*. Por isso permanece trocando e escolhendo os sorrisos rasgados das pinceladas afirmativas. Ele sabe, há vida sem redes e contemplação, mas os desconfortos da escolha incrível em permanecer só, a evita.

Mas não o levem a sério, devaneios de uma madrugada e suas transcendências egoístas.

Hoje ele está realmente feliz.

PINCÉIS DE CORES

Desenhei um retrato,
nele estávamos nós

Pincéis de cores!

Havia esperança
e melancolia

Sentimentos confusos,
dores não sentidas
versos e prosas
destiladas

O caminho livre,
é melhor
que a inércia
de um amor não correspondido

Estou bem...
...tenho ensaiado o beijo

Tenho aberto portas...
...nesse coração fechado

O tempo

é entusiasmo...

DENTRO

Andava pelos quartos, praças, ruas e corredores sem destino. Fazia contornos em volta do próprio corpo, era dentro que mais estava. Não admitia o fim do ciclo. Apesar das nuances da realidade, fechava os olhos e idealizava o que não mais existiria. Aprisionado em ressignificar o passado, também provocava prisões no seu entorno e tornava impossível as liberdades que tanto anunciava.

Vazio ou, cheio demais, não tinha virtudes para as trocas, ainda que insistisse nelas. Então, aquietou-se, olhou pela janela e avistou pássaros livres, folhas velhas caindo da árvore esverdeada, uma criança que corria. Revisitou os poemas e as fotos e, aparentemente imóvel, escutou uma canção que vinha do lado ou de dentro e percebeu que, ...dentro dele, ao seu redor, eram tantos que nunca estaria só

IMPREVISÍVEL

Passou
nas minhas ideias
o reencontro

Estávamos tão longe
foi que por acaso...
...mas sabíamos

Não tratamos
do passado,
ele foi assim

Entre risos,
falamos do agora

Das coisas mais banais...
...de início as perguntas
eram óbvias

O que permaneceu?
O riso rasgado!
a vontade
de permanecer...

As mãos entre toques,
o papo fluía
como se tivéssemos
nos visto ontem

Tudo muito diferente,
já não éramos
os mesmos
nem mesmo a idade

Mas alguma coisa
nos aproximava...
...e então acordei!

Acendi a luz
coloquei os óculos
dei conta que
era um sonho

Que bom,
o reencontro
permanece
imprevisível

CORPOS MILITANTES

Aos corpos militantes
desejamos
redes de fluxo,
evitemos,
as redes de captura

Não há portos seguros!

Os pontos de encontros
exigem coragem e resignificação

A luta antifascista
é também
contra nossos...

...eus.

PROVISÓRIO

O amor
é provisório,
sustenta os acordos
de corações vorazes

O amor
é uma fagulha
de cumplicidade

É um gesto tocado,
uma música efêmera
e suas marcas eternas

Não passa despercebido,
não nega mergulhos...

...e pensamentos profanos.

É um rito, um encontro,
um suspiro...

É um jeito...
...de estar no mundo.

PARTIR

A hora é
de partida!

Decisão difícil
quando ainda
se quer ficar

Dor no peito,
desconforto,
ilusão

Mais nada reverte
as decisões,
sem dúvidas...

LUTA NA QUEBRADA

Ouvi uma filósofa com contornos de psicanalista dizer que há pessoas na busca incansável por alterações de suas rotas, alteram tanto seu percurso existencial, que é necessário conhecê-las de novo.

Ouvi também um poeta preto da quebrada dar sinais à esquerda: A luta não é por nós, mas conosco!!!

A periferia está tomada de seus próprios significados! Lá há filósofos, poetas, artistas, trabalhadores/as e lideranças que convocam pras lutas e, não necessitam, somente, ser convocados. A luta tem identidade própria!!! Não está pra ser julgada!!!

Você que experimenta o mundo em luta e renasce muitas vezes nele, não está fadado a ser julgado.

Julgam, as elites intelectuais, porque acreditam fielmente na incapacidade de reinvenção da vida e das emoções — de provocar firmeza no que exige força e leveza naquilo que já foi pesado. Isso faz jus a julgamentos que insistem em afirmar inabilidades com as alterações, condutas, comportamentos, psiques, ideais e concepções.

Do povo negro e periférico, os donos do poder, desejam mesmo seus atestados de fracasso pois, só eles, legitimam a força do imobilismo social e de seu controle/proibição frente o que se deseja ser reivindicado.

Por ora, o povo negro e periférico exige, teima, grita, escreva um preâmbulo ou uma poesia, se fortalece, sorri e beija uma flor como ato intrínseco de revolta. Curte cada instante da mudança que arduamente é provocada em seu corpo periférico.

Ele não está a prova, senão, dos próprios percursos e impulsos.

PERIFÉRICO

Era um jovem periférico. Trabalhava desde muito cedo, ...repositor num supermercado. Observador da vida cotidiana de quem frequentava aquele lugar.

Os dias de promoção das carnes eram os dias mais cheios e era o frango que acabava mais cedo. O arroz de um quilo e o feijão preto, o óleo e o repolho eram os que davam mais trabalho na reposição, ...repor não findava!

Uma vez por semana, no final do expediente, cansado, pegava seu arroz (de um quilo), seu feijão, óleo, repolho e, quando sobrava, um quilo do frango picado, assinava o vale e ia... ..Cotidianamente saía as pressas, duas conduções, um banho, um lanche e corria pro EJA (a escola era perto, graças a deus).

Na aula de matemática um desafio, calcular o preço dos itens da cesta básica. Com sucesso somava os valores do arroz de um quilo, do feijão preto, do óleo, do repolho e do frango... o professor afetivamente o desafiava: — E os outros itens?... duvidoso, quase nada vinha à

sua cabeça, percebendo sua aflição, o professor indicou como tarefa de casa os itens que faltavam e suas somas.

No outro dia, ao chegar às 7h no supermercado, procurou o encarregado e disse: — Posso mudar de setor hoje? Ironicamente o encarregado diz: — Pra onde bonitinho? Tirou o caderno da mochila, folheou rapidamente e perguntou:— Onde estão o açúcar, as frutas e verduras, as carnes vermelhas, o café e as massas? ... —É lá que preciso trabalhar hoje!

PARECE

Fica mais leve o peso do meu coração, disse o moço cantor ao homem mergulhado nas batalhas da vida.

Os contornos da sua pele e de seu corpo normativo não revelam sua indignação anti-racista e seu compromisso com as lutas dos que vem de baixo, mas suas andanças sim.

Talvez seus devires, já ditos em algum poema, o devir-negro, devir-jovem, devir-animal, devir-luta, devir-criança, devir-mulher, devir-pobreza sejam as interconexões capazes de evitar o próprio umbigo e o legado branco e patriarcal.

Tudo parece em desconstrução,... parece!...causada pelas lapadas que tomou no lombo (e as que deu) num tempo que a autocrítica não se fazia presente e os privilégios eram tratados de forma meritocrática.

Veio da vila periférica, Vila Cubas! Filho de uma educadora, tornou-se educador popular, escritor da dor e das utopias e soldado das lutas políticas.

Não está pronto e não é exemplo pra nada. Aliás, ser exemplo é um fardo

pesado demais que evita carregar, porque exemplo é retidão dura, seca e falsa.

Vive! (porque um dia também não quis), sem sinais das verdades absolutas, deveras contraditório e, por vezes, profundamente incapaz.

RODRIGO LOCURA



Um multiartista do Cerrado brasileiro. Tem nas artes da literatura e da música lugar de pousos e voos. Sua trajetória de compositor intenso no jogo livre entre arranjos e escrita, revelam uma performance do presente com contornos de dor e utopias. Sua andança materializada, seus olhares enquanto teias, redes e ventos, sua militância, seus devaneios, contradições e suas percepções, revelem um artista escritor da cotidianidade. Pensante no mergulho no qual a vida circula, sua escrita é corpórea, tem antropofágicas elaborações que fazem espiralar comportamentos desconectos e, ao mesmo tempo, emoções propulsoras de sentidos (ou sentido algum).





www.resenhaliteraria.com

SECRETÁRIA
MUNICIPAL DE
CULTURA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

